



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O GRAFFITI E A RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA NA CIDADE DE SALVADOR

ANDRESSA MONIQUE PREMEIRA¹

Resumo: O presente artigo apresenta o graffiti enquanto arte urbana seu histórico, que ao ser incorporado no contexto artístico soteropolitano nos anos 80 para 90, com o passar do tempo começar a retratar também elementos da nossa cultura, dando um toque característico ao graffiti que é realizado nesse território e sua relação com a cidade, e a representação de divindades das religiões afro-brasileiras através do graffiti em Salvador e como esses trabalhos podem contribuir no combate a intolerância religiosa na cidade.

Palavras –Chave: Graffiti, Cidade, Religião Afro-brasileira, Salvador.

1 – CONTEXTO HISTÓRICO DO GRAFFITI NO MUNDO

A palavra *graffito* ou *sgraffito* no singular que deriva do Italiano, e significa aranhado, rabisando, que é incorporada ao inglês no plural como graffiti, para se designar, a arte que é realizada nas ruas como intervenções públicas na cidade. Já a palavra *grafite*, segundo alguns dicionários brasileiros refere-se a mina do carvão mineral que encontramos no interior dos lápis usado para escrever ou desenhar. A pessoa que realiza o graffiti é conhecida como grafiteiro(a) no português, a este cabe o papel de realizar as intervenções urbanas pela cidade, seja como forma de protesto ou como forma de ocupação do espaço público e as assinaturas que esses artistas inserem nos seus trabalhos é conhecida como *tag*², já a junção de artistas em grupos de grafiteiros(as), é conhecida como *crew*³. Nesse projeto a origem da palavra será mantida pela intensidade do seu significado e o contexto da época que ela foi adotada como forma de manter a história do graffiti. Quanto sua origem segundo (Gitahy, 1999) em seu livro: O que é graffiti? Os primeiros exemplos de graffiti na história da arte, são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas, rochas, dentre outros suportes.

¹ Grafiteira, Arquiteta e Urbanista pelo Centro Universitário Jorge Amado e aluna especial no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. – Email: andressamoniquearquitetura@gmail.com

² Tag: é a assinatura do grafiteiro(a) feita com spray ou marcador permanente após a finalização da pintura, ou somente com assinatura, a tag também é o pseudônimo do artista que não usa seu nome de registro.

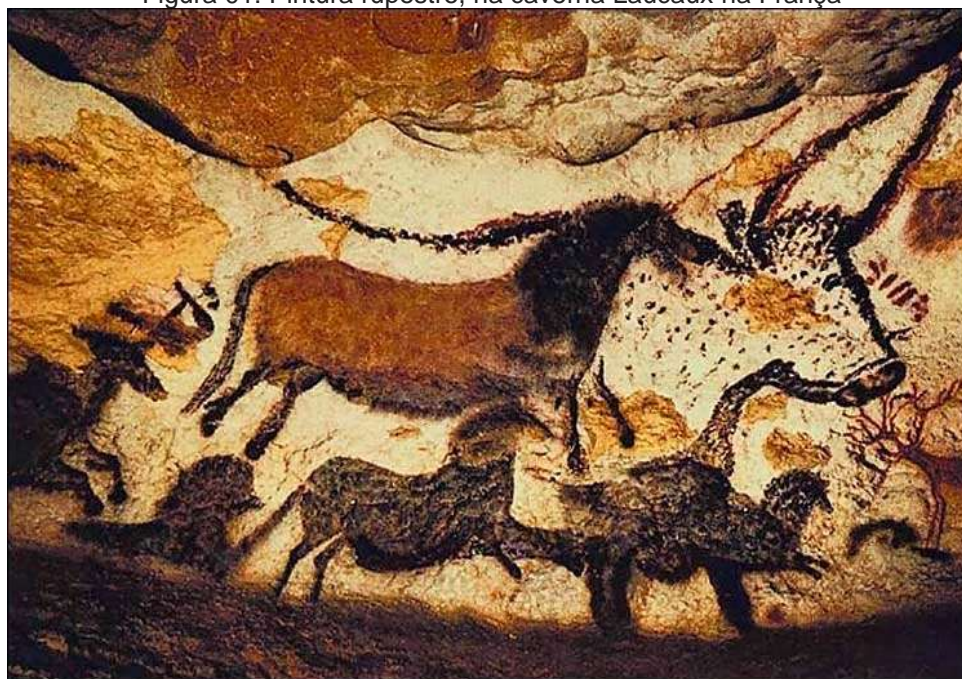
³ Crew: Grupo de artistas que podem ser amigos ou não e se reúnem para pintar, todos que pertencem a uma crew devem assinar seus trabalhos com o nome do grupo ao qual pertencem.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Como podemos ver na figura 01, realizada na caverna de Laucaux na França, essas inscrições nas paredes eram realizadas com terra colorida, sangue de animais, pêlos, carvão, mel de abelhas e outros materiais. No Brasil temos o parque Nacional da Serra da Capivara, localizado na região nordeste precisamente no estado do Piauí, como sítio arqueológico onde mais se tem registros e pesquisas sobre as pinturas rupestre realizadas no território nacional. Outro registro importante na história, foi a descoberta por arqueólogos de escritos nas paredes e murais na cidade de Pompéia após ser atingida pela erupção do vulcão Vesúvio em 29 de agosto de 79 d.c (Gitahy,1999). Diante do que foi citado anteriormente fica evidente a necessidade do homem de se comunicar ao longo dos séculos através das paredes, seja para informar, interagir com outras pessoas, marcar território ou até mesmo protestar, e a cidade sendo utilizada como suporte para a realização dessas pinturas ao longo da história, seria ela um caderno de desenho onde cada indivíduo insere sobre tal suas criações. Ainda hoje muitas dessas obras são um enigma para alguns arqueólogos e pesquisadores, retratando atividades das civilizações daquele período histórico, como caça a animais, comunicação, símbolos, figuras humanas, guerras e diversos aspectos da vida cotidiana naquele período.

Figura 01: Pintura rupestre, na caverna Laucaux na França



Fonte: <https://www.infoescola.com/artes/arte-rupestre/> Foto: Everett - Art



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O graffiti como compreendemos hoje no século XXI surgiu na segunda metade da década de 70, remonta também a pixação onde os escritores urbanos usavam as paredes da cidade para reivindicar direitos civis e delimitar espaços, sendo um elemento da cultura *hip-hop*⁴ que é composta também pelo *break*⁵, Dj (Disc Jockey), Mc (mestre de cerimônia) e atualmente a poesia, surgindo na periferia nova-iorquina por sua grande maioria composta por jovens negros, como movimento de protesto e de comunicação entre grupos que deixavam suas mensagens nas paredes da cidade com a intenção de demarcar esses espaços e também protestar, o graffiti desde seu surgimento sempre foi colocado como uma arte marginal assim como a pixação, e de menor valor perante a outros movimentos artísticos, isso com certeza se deve ao fato de a maioria dos artistas serem pessoas negros(as) das periferias. Dentre os grafiteiros mais conhecidos na história da arte urbana temos Keith Haring e Jean Michael Basquiat este último despertou o interesse da mídia nova-iorquina sendo um dos mais importantes artistas neoexpressionistas do século XX. Desde o seu surgimento o graffiti evoluiu enquanto técnica, atrelando ao mesmo algumas especificidades, no graffiti como base para as pinturas tem-se duas modalidades de estilos, letras e personagem que podem variar de acordo com a personalidade do artista. Na figura 02, podemos ver um trem no bairro do Bronx, com vários graffiti e diversos formatos de letras que é uma das bases para se iniciar no universo do graffiti, muitas vezes difícil para o observador desacostumado com tal tipo de escrita compreender o que está grafado ali, ou nos muros da cidade.

Figura 02: Pintura em trem no bairro do Bronx 1982

⁴ Hip-hop é um gênero musical, surgindo na década de 1970 nos guetos Novaiorquinos, Afrika Bambaataa é conhecido mundialmente como criador deste movimento, que é composto de quatro elementos, break, graffiti, Mc (mestre de cerimônia) e Dj (disc Jockey) e recentemente a poesia também foi adicionada como um elemento deste movimento.

⁵ Break: É um estilo de dança que faz parte da cultura Hip-hop, em que o B-boy como é conhecido o dançarino e B-girl a dançarina de break, fazendo apresentações solo ou em disputa com outro B-boy ou B-girl e ao final será apresentado o vencedor dessa batalha de dança.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: Livro Subway art 1984, página 22.

2 – GRAFFITI NO BRASIL E EM SALVADOR

No Brasil o graffiti desembarcou nos anos 80 na cidade de São Paulo tendo como referências essas mesmas bases de estilo, porém por aqui a arte de rua ganhou um toque mais brasileiro passando a retratar também através desse alicerce elementos da nossa cultura com as tintas de spray. Na figura 03 um graffiti do artista Rui Amaral, uns dos percussores dessa arte no Brasil, a obra foi realizada nos anos 80 tornando-se uma referência para a cidade de São Paulo, retratando personagens que é um dos estilos no graffiti, que geralmente os artistas também escolhem com a intenção de espalhar essas figuras pela cidade fazendo com que sua popularidade nas ruas aumente, principalmente, no grupo em que este está inserido trazendo certa notoriedade.

O que não poderia ser diferente aqui na Bahia precisamente na capital Salvador, onde o graffiti surge na década de 80 para 90, Segundo relatos do grafiteiro Lee 27⁶ “nos

⁶ Lee 27: Josenildo Silva Mendes, conhecido no graffiti como o Lee27 por conta de um apelido que ganhou por praticar artes marciais, e o 27 é referente a sua data de nascimento, no mês de julho.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

anos 80 tinha mais presença de pessoas da elite, e no início dos anos 90 nesse período havia muitas gangues que disputavam os territórios da cidade inserindo suas inscrições, como a galera da: GAN, DN, GIZ, DUQUE, DOIS GUN, GUM, BPL, GSI” essa são algumas siglas de gangues desse período, grande parte já não existe mais na cidade, dentro do movimento hip-hop logo no início quando surgiu era muito comum acontecer essas disputas entre gangues do mesmo bairro e diferentes localidades também disputando territórios. Júlio Costa, grafiteiro residente na Cidade Baixa “ afirma que o primeiro graffiti que ele viu é de Feroz, na Cidade Baixa na década de 90, outros artistas como Rats, Roots, Iluxtx, Ciborg, Sinal, Sonts, Agster, Flex, Calvin também pitavam nessa região, que também que naquela época, não tinha graffiti como a gente ver hoje pela cidade, era mais inscrições nas paredes e pinturas de comerciais para clientes”.

No Cabula segundo depoimento de Snob84 grafiteiro residente nessa região “tinha alguns trampos, vi trabalhos de Jesus e Ramster, mas maioria feita por pichadores da GAC de Zapata, Sejo, Fix e companhia, GAM que era composta por Zezé Olukemi, Leleco, Gritos e Zizo, aí tinham gangues como PRR, DAP, GGM, GGI, SG, GNS, GMT e várias outras que pixavam e faziam graffiti”. Através desses depoimentos podemos constatar que a arte urbana na cidade nesse período estava mais ligada a questão das gangues, pixação e disputas de território nas periferias da cidade, não há registro fotográfico ou na literatura de integrantes desses grupos, apenas depoimentos de grafiteiros mais antigos, que contam como foi esse momento da história da arte urbana na cidade. E logo após esse período o graffiti como visualizamos hoje com desenhos formas e muitas cores se espalha pela cidade, mais ainda assim carregado de muito preconceito e tratada como uma arte marginalizada e de menor valor artístico, até hoje algumas pessoas ainda possuem essa visão da arte urbana, evidentemente por conta de quem a executa nas ruas, jovens das periferias soteropolitana, que através do graffiti manifestam suas mensagens de indignação perante as opressões sofridas na cidade.

Figura 03: Graffiti do Rui Amaral, na Av. Paulista.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: Imagem da Internet

3 – A RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA NAS ARTES VISUAIS

A capital soteropolitana também foi o lugar onde surgiu o primeiro templo de culto religioso afro-brasileiro do Brasil, O Ilé Axé Iya Nassô (O Terreiro da Casa Branca) primeiramente localizado no bairro da Barroquinha, transfere-se para onde hoje é seu atual endereço localizado na Avenida Vasco da Gama no bairro do Engenho Velho, sendo também o primeiro templo a ser tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) nos anos de 1980 como uma medida protetiva adotada, para que o espaço onde o terreiro está inserido, fosse resguardado evitando assim, que com o crescimento das edificações no seu entorno, a área de mata do templo não fosse invadida, sendo fundamental para a manutenção dos rituais do culto, que tem os elementos da natureza como algo fundamental, que são considerados sagrados para comunidade religiosa. Toda essa influência das religiões afro-brasileiras sobre nossa cultura, refletiu no nosso modo de vida, na culinária, na saúde, linguagem, na formação dos afoxés, blocos afros, samba de roda, bairros negros, no tratamento com ervas e também se refletiu através das artes visuais. Trazendo para o contexto das artes visuais, temos o escultor e escritor Mestre Didi que ao longo da sua carreira artística se dedicou a fazer esculturas de objetos rituais, que aprendeu nos cultos com os mais antigos, as obras de Mestre Didi foram expostas em diversos países,



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

atualmente uma de suas esculturas encontrasse no parque das esculturas no Museu de Arte Moderna da Bahia. Na figura 04, temos uma escultura intitulada de Àpéré (A direção), obra do artista realizada em 1993, realizada com materiais como búzios, couro e nervura de palmeira, possui um ordenamento simétrico das formas trazendo uma harmonia para esta escultura.

Mario Cravo artista modernista e que teve uma importante atuação na história da arte produzida na Bahia, também realizou esculturas que tiveram como fonte de inspiração a religião afro-brasileira, dentre algumas de suas obras com essa temática estão, a famosa Sereia de Itapuã na figura 05, e as esculturas de alguns orixás presente na sede do Correios em Salvador. Outro artista que também teve como referência a religiosidade, afro-brasileira em algumas de suas obras foi o argentino Carybé, que após alguns anos se naturalizou brasileiro, dos diversos trabalhos já realizados temos os 27 painéis dos orixás esculpidos em madeira para o Banco da Bahia e que atualmente se encontram no Museu Cultura Afro-Brasileiro no centro histórico de Salvador, além de pinturas e gravuras dos orixás, na figura 06 temos Oxum, orixá feminina que compõem o painel.

Figura 04: Escultura Mestre Didi, Àpéré [A direção] 1993.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.
Figura 05: Escultura do Mario Cravo Seria de Itapuã



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: Matéria Correio da Bahia, 01/08/2018 versão digital.

Figura 06: Oxum esculpida por Carybé



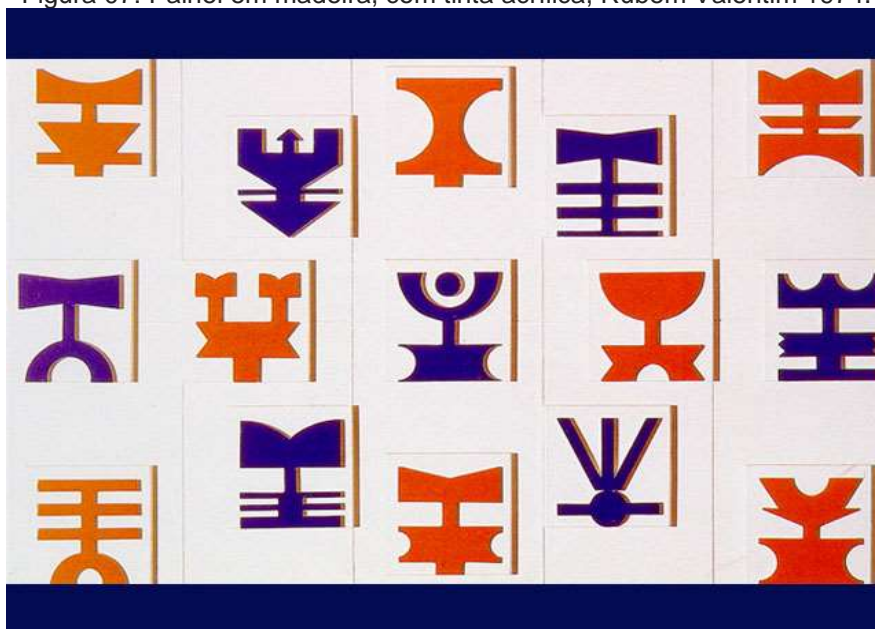
Fonte: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP
Outro artista que se iniciou nas artes plásticas no ano de 1940, foi escultor, professor, pintor e que trabalhou no movimento de renovação das artes plásticas na Bahia é o



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Rubem Valentim, artista modernista de linha construtivista que trabalhou a geometria com diversas formas, cores com as simbologias dos orixás, sua obra se relaciona com as religiões afro-brasileiras trazendo também ferramentas sagradas ao culto em suas obras, na figura 07 temos um painel em madeira, pintado no ano de 1974 que retratar bem essa organização de sua obra, a simetria, os objetos sagrados fazendo parte da composição o fundo branco traz um equilíbrio para cores utilizadas pelo artista que vão deste tons de laranja ao azul royal.

Figura 07: Painel em madeira, com tinta acrílica, Rubem Valentim 1974.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira

4 – O GRAFFITI DE TEMÁTICA AFRO-RELIGIOSA

No graffiti soteropolitano especificadamente essas influências também foram incorporadas dando lugar a pinturas com temática voltada a religião afro-brasileira, o que trouxe um toque característico no graffiti que é realizado na capital baiana, não só com essa proposta, mais com outros temas ligados à nossa cultura também como a capoeira, as carrancas, pescadores, e etc. Dentre os grafiteiros soteropolitanos, o mais antigo a pintar com essa temática é Lee 27 morador do bairro do Castelo Branco em Salvador, ele afirma que seu trabalho é um “*Ebó de tinta pela cidade de Salvador*”, uma forma de presentear os orixás, voduns e inkises. Lee 27 começou a desenvolver trabalhos com essa temática no meado dos anos de 1999 para 2000 no colégio onde atuou, seu primeiro trabalho voltando para tais questões foi segundo o artista “ Um



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

cristo negro, com contas, saindo de um poste”. Lee 27 seguiu pesquisando essa temática e após realizar trabalhos e ser iniciado no Terreiro Raiz de Airá em 2004 começou a grafitar os orixás, por esta em contato direto com essa fonte e daí por diante não parou mais. Ele relata também o surgimento de novos artistas a trabalharem com tais questões após sua inicialização. Temos na capital soteropolitana outros artistas que também inserem no seu repertório artístico diverso, representar tanto divindades religiosas como pessoas que tem certo respeito no culto. Dentre esses artistas temos Júlio Costa, morador da Ribeira que possui um trabalho amplo no graffiti, não buscando apenas focar em um único estilo de pintura, esse artista já pintou diversos terreiros em Salvador e interior da Bahia. Ananda Santana moradora de Itapuã é uma artista que tem seu trabalho voltado a representação da mulher negra, e que também realiza pinturas onde retrata as mulheres de axé, assim como divindades sagradas. Jocivaldo Silva morador da Massaranduba conhecido mundialmente pelo seu trabalho com os sapos incríveis que o artista pinta, mais que também realiza trabalhos com essa temática principalmente em templos religiosos. Andressa Monique moradora do bairro do Beiru, seu trabalho busca trazer como referência as mulheres negras nas pinturas que realiza e também a representação de divindades do culto religioso. Sendo também um trabalho de resistência e afirmação da religião afro, que muitas das vezes é vítima de comentários racistas e demonizada, sendo alvo de ações de grupos que não compreendem o verdadeiro sentido da religião, pelas ruas da cidade de Salvador. Em 2013 o artista Lee 27 realizou uma pintura em homenagem ao orixá Oxumaré. Esse trabalho foi executado próximo ao Ilê Axé Oxumaré (Casa de Oxumaré), na Av. Vasco da Gama na capital baiana, sendo também um trabalho de afirmação da cultura afro-brasileira na cidade através das latas de spray, como podemos verificar na figura 08.

Aos negros africanos que vieram escravizados para o Brasil, foi atrelado tudo de ruim que se pode imaginar, quanto sua cor da pele, traços físicos, cabelo, cultura, religião e etc. Direcionar esse peso negativo a tudo que está ligado a pessoas negras, trazendo sempre o modelo europeu como uma referência perfeita a ser seguida por todos, cria uma negação da etnicidade, e tudo que está ligado a estes indivíduos, deve



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

ser evitado, abandonado, fazendo também com que as pessoas negras se encaixem nesse padrão negando tudo que se relaciona com suas origens passando por um processo de embranquecimento. Após o fim do período escravocrata muitos escravizados ficaram perdidos e jogados sem saber como sobreviver na sociedade, pois não tinha renda pra se manter e com o fortalecimento da política de imigração e o processo de embranquecimento no país imposta pelo estado, medida utilizada para fazer com que ao longo de determinado período de tempo a população brasileira predominantemente formada por negros e indígenas fosse clareando seu tom de pele até chegar ao modelo

Figura 08: Graffiti em homenagem a Oxumaré, artista Lee 27, em Salvador. 2013.



Foto: Jf Paranaguá, 2013.

considerado ideal que era o eurocêntrico, com a política de trazer trabalhadores de fora do país ficou somente destinados aos negros(as) os piores trabalhos, que os imigrantes não faziam.

O aspecto do negro que foi mais atacado, discriminado, demonizado, tida como crime e persérguida no de 1910 aos anos de 1940 por prática de charlatanismo, falsa medicina e culto fetichista foi a religião afro-brasileira. E nos anos de 1940 aos anos de 1980 através da delegacia de jogos e costumes os terreiros tinha que pedi autorização e pagar uma taxa para poder “bater” o candomblé nesse período. Em



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

Candomblés da Bahia de Roger Bastide (1980 pág. 90), o autor mostra uma alternativa usadas pelos negros escravizados, que eram proibidos pelos seus senhores que cultuar suas divindades africanas, pois a religião permitida tida como referência era a Católica, estes usaram o calendário religioso católico e atrelaram a cada santo uma divindade, assim eles podiam cultuar e festejar as cerimônias ancestrais sem que seus senhores proibissem as práticas religiosas, como podemos visualizar na figura 09.

Figura 09: Calendário de cerimônias religiosas adaptados pelos negros

20 de janeiro	dia de São Sebastião	feita de Obaluaê (Omolu)
2 de fevereiro	dia da Purificação	feita de Oxum e de Iemanjá
23 de abril	dia de São Jorge	feita de Oxóssi
13 de junho	dia de Santo Antônio	feita de Ogum
24 de junho	dia de São João Batista	feita de Xangô Afonjá
29 de junho	dia de São Pedro e São Paulo	feita de Orixalá
26 de julho	dia de Santa Ana	feita de Nanã
24 de agosto	dia de São Bartolomeu	feita de Oxumarê
27 de setembro	dia de São Cosme e Damiano	feita dos Gêmeos (Ibôjis)
30 de setembro	dia de São Jerônimo	feita de Xangô
2 de novembro	Dia de Finados	feita dos Eguns
4 de dezembro	dia de Santa Bárbara	feita de Iansã
8 de dezembro	dia da Imaculada Conceição	feita de Oxum ou de Iemanjá

Foto: Candomblé da Bahia, Roger Bastide, pág 90,1980.

Como tudo que foi relacionado ao homem negro e a mulher negra eram tidos como coisas ruins, essas atribuições não se apagaram ao longo dos séculos e estão ainda latentes na sociedade brasileira atrelada sempre com o racismo que se manifesta de diversas formas, ficando cada vez mais complexo de identifica-lo. A falta de conhecimento e a disseminação do racismo a brasileira⁷, quanto tais práticas religiosas, faz com que grande parte da população faça leituras negativas sobre as religiões afro-brasileiras, e atrelem as práticas do culto e as divindades pesos maléficicos que não correspondem as suas reais significações aos integrantes da religião. Diante do que foi apresentado podemos constatar a importância do graffiti também poder contribuir com essas ações afirmativas na cidade. As pinturas também são uma forma de combate a intolerância religiosa, a representação de entidades

⁷ Racismo a Brasileira: Se apresenta de forma esmiuçada, velada, sendo difícil muitas das vezes identificar esse tipo de racismo tão presente na sociedade brasileira, dentre os autores que abordam essa questão temos Abdias do Nascimento e Jaques D'adesky.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

sagradas, e como as pessoas que fazem parte do culto religioso, se sentem contempladas ao estarem diante de pinturas que possuem um significado para o povo de santo. Como exemplo dessa contribuição do graffiti trago a pintura realizada no Ilê Axé Pá Obá Erân Olodô Epejá (Arco do Ouro) localizado no bairro de Cajazeiras XI que ganhou recentemente em 2018 uma intervenção artística realizada por vários grafiteiros(as) trazendo trabalhos para dentro do terreiro de candomblé.

Figura 10: Mulher de Axé, Ananda (Srt.as), 2018.



Fonte: Fotos Jf. Paranaguá, 2018.

Figura 11: Exu, Lee 27, 2018.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: Fotos Jf. Paranaguá, 2018.

Figura 12: Xangô, Jocivaldo (Bigode), 2018.



Fonte: Fotos Jf. Paranaguá, 2018.

Figura 13: Ogun, Júlio Costa, 2018



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: Fotos Jf. Paranaguá, 2018.

Como exemplo de trabalhos realizados nas ruas de Salvador trago pintura de lemanjá no bairro da Liberdade, realizada pela grafiteira Monique, figura 13, e a pintura de Nanã figura 14, realizada pela mesma artista também no bairro da Ladeira da Preguiça.

Figura 14: lemanjá, Monique, 2018.



Fonte: Acervo da autora



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Figura 15: Nanã, Monique, 2018.



Fonte: Acervo da autor

Na figura 16, temos a orixá Iemanjá feita pela grafiteira Rebeca(RBK) na Ladeira da Preguiça, e na figura 17, Iemanjá novamente feita pelos grafiteiros Júlio e Bigod na Ribeira, nota-se que cada artista retratar a divindade de forma diferente de acordo com suas características de trabalho.

Figura 16: Iemanjá, Rebeca (RBK),2016.



Fonte: Ruas Salvador, perfil facebook.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Figura 17: Iemanjá, Coletivo MUSAS, 2015.



Fonte: Ruas Salvador, perfil facebook.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente artigo possibilitou apresentar apenas alguns trabalhos que foram realizados tanto na parte interna do terreiro Ilê Axé Arco do Ouro em Cajazeiras e em alguns bairros da cidade de Salvador, estes graffiti que estão nas ruas da cidade resistem a opressão religiosa, ao racismo que se apresenta de diversas formas. Porém traz uma dimensão de como o graffiti pode contribuir e ajudar no combate a pratica de racismo e intolerância religiosa que atinge o povo de santo, quando apresenta essas divindades nas ruas da cidade fazendo com que o espectador possa criar um novo olhar sobre a religião afro-brasileira, durante a execução dos trabalhos nas ruas algumas pessoas gostam desse tipo de temática outras nem tanto, dizem que é coisa do diabo, xingam e etc. Sabemos o quanto esta é uma arte que impacta diretamente os usuários da cidade que lidam com essas pinturas nas ruas de Salvador, pois o graffiti não escolhe raça, nem classe social, está inserido no tecido urbano da cidade principalmente nas periferias como um museu a céu aberto em que todos tem acesso a essa arte, em contrapartida aos museus tradicionais que muitas vezes abrange somente a um determinado tipo de público, assim finalizo considerando o graffiti como sendo uma arte democrática.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

REFERÊNCIAS

ADRIANA VALADARES SAMPAIO. Graffiti: Teatro Urbano Escritural. Salvador 2006.

ÀPÉRÉ [A DIREÇÃO]. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15674/apere-a-direcao>>. Acesso em: 16 de 2018.

ARTE RUPESTRE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5354/arte-rupestre>>. Acesso em: 08 de Set. 2018.

BASTIDE, ROGER. Os candomblés da Bahia. 1958.

CRUZ, EVANILTON GONÇALVES. Graffiti uma etnografia dos produtores da escrita urbana de Salvador. 2017.

GITAHY, CELSO. O que é graffiti? São Paulo, 1999.

REBECA, RBK. Graffiti Ladeira da Preguiça. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RuaSalvador/photos/a.400287120016241/1083218611723085/?type=3&theater>> Acesso: 15 de outubro de 2018.

JÚLIO E BIGOD. GRAFFITI. Ribeira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RuaSalvador/photos/a.400287120016241/886645408047074/?type=3&theater>> Acesso: 15 de outubro de 2018.

MARIO CRAVO JÚNIOR. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5514/mario-cravo-junior>>. Acesso em: 20 de Jul. 2018.

MARTHA COOPER E HENRY CHALFANT. Subway art 1984.

MESTRE DIDI. In: ENCICLOPÉDIA. Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/mestre-didi>>. Acesso em: 19 de Jul. 2018.

NASCIMENTO ABDIAS. O Genocídio Do Negro Brasileiro. Processo de um Racismo Mascarado, 1978.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

RUBEM VALENTIM. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8766/rubem-valentim>>. Acesso em: 16 de Set. 2018

SOUZA, ANA LÚCIA. Letramento de Reexistência: Culturas e Identidades no movimento hip-hop. Campinas, 2009.